

Artigo recebido em:
04.07.2017

Aprovado em:
15.07.2018

O entretenimento nas narrativas políticas: considerações a partir de Pixuleko na *Folha de S. Paulo*¹

Clara Bezerril Câmara

Mestre em
Comunicação e
Culturas Midiáticas
pela Universidade
Federal da Paraíba
(UFPB) e doutoranda
em Comunicação pela
Universidade Federal
Fluminense (UFF).

E-mail: clara.knox@
gmail.com

Clara Bezerril Câmara

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão a respeito do papel do entretenimento nas narrativas jornalísticas sobre política. Para tal, apresenta-se um debate teórico, articulado com base nas considerações que Street (2003) e Van Zoonen (2005) fazem sobre o imbricamento da política com a cultura popular. No caminho argumentativo aqui sugerido, também é contemplada uma discussão a respeito das barreiras que são sustentadas entre *hard* e *soft news*, com auxílio de trabalhos que pensam o jornalismo em articulação com a noção de narrativa. O caso das aparições de Pixuleko, boneco inflável do ex-presidente Lula, na *Folha de S. Paulo*, serve de ilustração para o desafio da seguinte argumentação: observar o caráter narrativo das notícias pode lançar luz ao desafio de se analisar um contexto jornalístico em que as fronteiras entre entretenimento e informação encontram-se cada vez menos aparentes. Seguindo a linha de argumentação, e aliando o debate teórico com o exemplo proporcionado por Pixuleko, afirma-se ser urgente considerar o entretenimento na narrativa jornalística de política, não em uma chave de dissonância, ou oposição, mas enquanto elemento constitutivo.

Palavras-chave: Jornalismo político. Entretenimento. Cultura popular.

Entertainment in Political Narratives: considerations from Pixuleco in *Folha de S. Paulo*

Abstract

This article proposes a reflection about the role of entertainment in political journalism. For that, a theoretical debate is presented, based on the considerations that Street (2003) and Van Zoonen (2005) do on the relations between politics and popular culture. In the argumentative path suggested here, it is also contemplated a discussion about the barriers that are maintained between hard and soft news, based on works that think journalism in articulation with the notion of narrative. The case of Pixuleko, an inflatable doll of former president Lula that appeared in a series of news in *Folha de S. Paulo*, serves as an illustration for the challenge of the following argument: observing the narrative nature of news can shed light on the challenge of analyzing a journalistic context in that the boundaries between entertainment and information are less apparent. Following the argument, and combining the theoretical debate with the example provided by Pixuleko, it is stated that it is urgent to consider entertainment in the journalistic narrative of politics, not in a key of dissonance, or opposition, but as a constitutive element.

Keywords: Political journalism. Entertainment. Popular Culture.

¹Uma versão prévia desta discussão foi apresentada no Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR/2016.

Considerações iniciais

Entre julho de 2015 e janeiro de 2016 um personagem inusitado se tornou parte das narrativas jornalísticas sobre a política brasileira: o boneco inflável do ex-presidente Lula, batizado de Pixuleko. Protagonizadas por ele, matérias sobre suas aparições e “ações” tornaram-se frequentes e, assim, evidenciaram questões tanto do ordenamento político do país quanto da maneira de se reportar esse ordenamento, por parte da imprensa. E é a partir dessas questões evidenciadas nas narrativas jornalísticas que propomos apontar um novo direcionamento em relação à cobertura política do jornalismo atual, utilizando o caso de Pixuleko como exemplo ilustrativo.

Para tal, argumentamos que a lógica que tornou Pixuleko possível é baseada na equivalência existente entre a política e o mundo do entretenimento. Em oposição a uma visão que afirma que a política segue uma lógica análoga à da economia (SCHUMPETER, 1984), propomos enxergar a política como propensa a seguir um ordenamento da cultura pop (STREET, 2003), permeado pelas intrigas, dramas, comédias e construção de personagens especificamente propícios para esses contextos. O jornalismo, por sua vez, seria responsável por agenciamentos capazes de articular tais questões de forma narrativa.

Para desenvolver esse argumento, propomos um caminho essencialmente teórico, em que a trajetória de Pixuleko no jornal *Folha de S. Paulo* (FSP) serve como suporte ilustrativo e também como estímulo para pensar algumas das questões que vão ser abordadas. Ambos, tanto a ilustração quanto a estimulação aos questionamentos, foram resultados de uma observação dos elementos narrativos presentes em 13 reportagens veiculadas pelo periódico. À época, a FSP foi o periódico que mais dedicou atenção ao boneco inflável durante os meses de seu “estrelato”, entre julho de 2015 e janeiro de 2016 – sendo este o motivo de sua escolha para ilustrar as considerações contidas neste artigo.

Nesse contexto, começamos por problematizar duas questões, correlatas, que se colocam no caminho: 1) o entretenimento, enquanto categoria de análise, suscita imprecisões; 2) as consequências diretas dessas imprecisões se refletem em uma lacuna nos estudos de jornalismo, especificamente o que narra a política.

Diante disso, com o objetivo de propor soluções para essas problemáticas e ampliar o espectro de debates em torno do jornalismo político, sugerimos aliar o olhar para o jornalismo com a noção de narrativa, abandonando dicotomias de conteúdo, e com a adoção do termo entretenimento, com as devidas ressalvas da escolha desta nomenclatura. Articulando essas duas decisões, reforçamos que é preciso observar como elementos do entretenimento se engendram nas narrativas jornalísticas sobre a política.

A partir desse debate, pretende-se também refletir sobre as negociações que o jornalismo político, se pensado sob o viés do entretenimento, teria que realizar em relação ao seu compromisso com o regime democrático, no contexto brasileiro atual. Em outras palavras, este artigo sugere a seguinte reflexão: ao deixarmos de lado as delimitações de conteúdo no jornalismo político e considerarmos o entretenimento como um de seus elementos constitutivos, qual é o lugar que o jornalismo político ocupa (qual contribuição oferece, qual serviço presta) à manutenção da democracia no Brasil? Reconhece-se, no entanto, a complexidade desta pergunta e, aqui, antecipamos, respondê-la não compõe como um dos objetivos do presente trabalho; intenta-se, sim, amplificar a necessidade de se discutir essas questões para a compreensão do crescente enigma que se tornou o jornalismo político brasileiro.

Em termos de estrutura, primeiramente, reconhecemos o indicativo vago deixado pelo termo “entretenimento” e, por isso, revisitamos seus sentidos para propor a maneira adequada de sua utilização. Depois, apresentamos os debates que

aproximam o entretenimento e a política no âmbito da comunicação, pontuando a importância e contribuição de cada um deles, mas ressaltando que há também uma lacuna investigativa. É dessa lacuna que trataremos na última parte deste artigo, a partir do exemplo de Pixuleko. Discutiremos que as narrativas jornalísticas sobre a política são constituídas, em graus diferentes, de elementos relacionados ao entretenimento, como o humor, o lúdico, o divertido. O reconhecimento desses elementos, sem que isso ocasione na necessidade de uma nova classificação dual, interessa-nos na medida em que é capaz de alterar a visão a respeito dos compromissos assumidos e/ou pretendidos pelo jornalismo político na democracia.

Considerações sobre o entretenimento

A emergência de narrativas midiáticas que se distanciam das formas tradicionais de se falar sobre a política tem sido frequentemente analisada no Brasil. Dos memes, passando pelas discussões em redes sociais, até o posicionamento dos candidatos em seus perfis da *web*. Esse destaque, no entanto, tende a focar nos incrementos proporcionados pelas novas tecnologias e deixar de lado considerações sobre o caráter igualmente diverso e mutável que as narrativas em torno da política são capazes de assumir, em qualquer plataforma.

Em seu texto *When politics becomes play*, Bennett (1979) aborda as inserções do “brincar” na política, discutindo suas consequências. Nesse sentido, pensando no exercício político e na relação entre política e esfera pública, o autor argumenta que as formas de brincadeira que emergem de atividades sérias, como a política, são capazes de promover reflexões em relação às bases do ordenamento social. Em outras palavras, ações, comportamentos e relações podem ser repensados, questionados e colocados em xeque a partir do momento em que se brinca com o sério.

Em uma ilustração da inserção da brincadeira no âmbito político, domínio do sério, Bennett rememora o papel das canções sobre a Batalha de Nova Orleans (1814-1815) entre americanos e britânicos. Nessas canções as glórias dos voluntários americanos eram enaltecidas, assim como as virtudes da nação, o que contribuiu para estimular novos símbolos e heróis. Nos termos do autor:

esse tipo de experiências do brincar não apenas integrou membros marginais na sociedade, ao criar sentidos objetivos para ideias abstratas e símbolos distantes, mas elas cristalizaram o enquadramento mitológico que guiaria a ação de massa e a mudança política no processo de criação de uma nova ordem social, moral e política do Oeste americano (BENNETT, 1979, p. 351).

O reconhecimento da brincadeira enquanto elemento capaz de renovar o comprometimento político leva em consideração a relação entre cidadão e esfera política. Assim como memes, música, políticos celebridades, filmes e seriados políticos, mas também em narrativas que, olhando superficialmente, não parecem ter sido feitas para entreter, como é o caso do jornalismo político. Nesse sentido, propomos um olhar sobre o brincar na maneira que a política é narrada, ou seja, esse elemento do brincar nas narrativas jornalísticas sobre a política. E é em busca desse “brincar”, para problematizá-lo e melhor compreendê-lo que esse artigo se debruça, usando o termo “entretenimento”.

Mas o que é, afinal, esse entretenimento ao qual nos referimos? Tão vasto e, por isso, um tanto vago, o entretenimento pode ser definido como uma experiência prazerosa ou divertida, em oposição à monotonia do cotidiano. Nos termos de Vorderer, é “o prazer buscado em situações chatas ou em compensação a situações de opressão” (VOLDERER, 2001, p. 258). A partir dessa noção, poderíamos pensar

que o entretenimento está relacionado a uma tentativa de se ter algo diferente do que se tem, ou simplesmente de busca por diversão, em meio a ambientes e realidade enfadonhos. Não à toa, o entretenimento está relacionado com atividades que envolvem tempo livre – em uma oposição ao tempo de trabalho (ADORNO, 2007), como idealizado dentro das sociedades capitalistas.

Essa noção pode nos render encaminhamentos interessantes para os objetivos deste trabalho. O primeiro deles diz respeito à relatividade dessa distinção. Ou seja, seria presunçoso considerar que existe algo que é considerado prazeroso por todas as pessoas. O que é considerado entretenimento por um, pode não o ser por outras pessoas, mas isso, no entanto, não invalida a existência do entretenimento, só o torna flexível. O segundo encaminhamento que nos interessa nessa definição é a imprecisão do limite que separa o que é entretenimento do que não é. Isso porque diversas atividades relacionadas ao entretenimento podem ser fluidas ou podem ser baseadas em experiências diversas, que suscitam sentimentos distintos.

Alguém que aprecie a leitura como forma de entretenimento, por exemplo, pode se ver diante de um livro que não desperta tanto seu interesse ou com trechos monótonos. A tênue linha que separa seu momento de prazer de um momento de incômodo não é tão fácil de ser definida. Ou, em um exemplo radical, alguém que tenha pelo seu trabalho uma devoção tamanha que o considera relaxante e divertido, também poderia ter dificuldade em desvencilhar onde começa e onde termina o seu entretenimento. Porém, como já dito, isso não faz com que o entretenimento não exista ou, ainda, tenha sua relevância diminuída.

Esses dois pontos importam para a nossa argumentação por um motivo simples: ambos também se aplicam às considerações sobre entretenimento no jornalismo político que desenvolvemos neste trabalho. De forma semelhante, reconhecemos que tratamos de uma nuance do jornalismo político que não deverá ser reconhecida por todos como válida e, previamente, reconhecemos a dificuldade de precisar seus contornos limítrofes. Essas questões, no entanto, não devem intimidar a abordagem ao assunto. Pelo contrário, a análise do entretenimento no jornalismo político, mesmo que em condições iniciais e permeada por incertezas, deve ser vista como um passo importante para compreender as transformações vivenciadas pelo jornalismo político.

O entretenimento no jornalismo político: considerações para sua aplicabilidade

Observar o entretenimento como uma parte relevante do campo político (BOURDIEU, 1989), sabemos, não é algo novo. Street (2003) e Van Zoonen (2005) são nomes que têm contribuído significativamente para essa discussão, dando ênfase para a relação entre política e cultura popular. Nesse sentido, seus trabalhos se voltam mais para as problemáticas que envolvem o exercício político e suas formas de publicização pelos meios. Van Zoonen (2005), por exemplo, elenca três formas de interação entre a política e o entretenimento: 1) políticos aparecendo em programas de entretenimento na TV – lógica da comercialização da TV e da competição; 2) peças de entretenimento enquanto peças políticas, como músicas e filmes que discutem algum tema político específico; 3) políticos que, em carreira prévia, faziam parte do mundo do entretenimento.

Apesar de trazerem questões pertinentes na relação entre política e entretenimento, esses trabalhos não se debruçam especificamente sobre a produção de sentido vinculadas no jornalismo político. Nesses termos, pode-se inferir que trilhamos o caminho de observar a política em busca do mundo do entretenimento, a partir do jornalismo político. Esse caminho, no entanto, não visa refazer os

já cansados passos da espetacularização, por acreditarmos que esta não abarca as particularidades do entretenimento. Tampouco nos parece eficiente encerrar a discussão com base na ironia, que recai no terreno cinzento da intencionalidade. Por isso, o entretenimento surge como a opção mais promissora.

Porém, além dessa escolha de perspectiva, outras também se fazem necessárias de serem feitas. Em linhas gerais, destacamos as duas mais relevantes para este trabalho: reconhecer o caráter narrativo das notícias e refletir sobre a perpetuação de dualismos, no jornalismo, que mais dificultam a análise do jornalismo do que facilitam.

Em relação ao primeiro ponto, argumentamos que observar o caráter narrativo das notícias também pode lançar luz ao desafio de se analisar um contexto jornalístico em que as fronteiras entre entretenimento e informação encontram-se cada vez menos aparentes – embora a própria evocação da narrativa traga discussões polarizadas. Como afirma Baroni, “frequentemente, o discurso narrativo aparece como a contraparte negativa do discurso racional” (BARONI, 2014, p. 65), sendo seu poder de sedução associado com o *pathos*, contraposto à ideia “de uma sociedade baseada na razão e no diálogo” (*ibid*, p. 65). Todavia, nos parece impossível separar esses dois lados.

Igualmente polarizadas são as questões que perpassam o segundo ponto que destacamos. Enxergar o jornalismo brasileiro a partir do olhar do entretenimento compreende perceber que certos dualismos são insuficientes para abarcar sua análise. E não apenas dualismos, mas certas noções que, tradicionalmente, passaram a se relacionar com a cobertura jornalística, mas perdem força quando reconhecemos que a fatia de entretenimento que ronda o jornalismo é maior do que se tem considerado.

Em suma, advertimos que falar sobre o entretenimento no jornalismo político suscita oposições: jornalismo de referência *versus* jornalismo de sensações, *hard news versus soft news*, informação *versus* diversão. Torna-se, então, necessário problematizar essas dualidades, expondo as razões para sua superação nas análises do jornalismo político.

Dualismos

Bird e Dardenne (1999) afirmam que, ao considerar as notícias enquanto mitos, dissolvemos a distinção existente entre entretenimento e informação. No contexto da discussão apresentada pelos autores, enxergar as notícias como mito se relaciona à noção de dispositivo metafórico, capaz de amenizar fatos e situações extremos, ou mesmo desagradáveis. É um mecanismo capaz de tornar o mundo e seus acontecimentos palatáveis aos nossos sentidos, de explicar fenômenos que são aterrorizantes.

Essa compreensão das notícias como mitos se insere em uma perspectiva narrativa das notícias, como é proposta por Bird e Dardenne, assim como por Motta (1997) e problematizada por Albuquerque (2000a) – e para a qual também convergimos. Nesse sentido, ainda segundo Bird e Dardenne (1999), enxergar as notícias como narrativas é focar no modo como as notícias são narradas, considerando a partir do afastamento ou da proximidade do registro de dados. Isso significa que, ao se afastar, gradativamente, de um registro, que é meramente processual, a notícia estaria se aproximando de uma forma mais narrativa. Nesse sentido, quanto mais narrativa, ou seja, mais próxima da maneira de contar histórias que conhecemos, mais compreensível aos leitores.

Essa argumentação se torna importante aos nossos propósitos por duas razões principais: pensar o jornalismo enquanto narrativa e reconhecer a possi-

bilidade de diluir as barreiras entre entretenimento e informação. Em relação à primeira, ressaltamos que a argumentação deste artigo pressupõe uma aproximação dos estudos sobre o jornalismo com os estudos sobre narrativa, mas não sem algumas considerações.

De acordo com a proposta de Motta (1997) de aplicação dos estudos narrativos na análise jornalística, enxergar o jornalismo como narrativa é útil para entender a constituição dos chamados *fait divers*. Por outro lado, na sua argumentação, Albuquerque (2000a) propõe a ampliação desse espectro de consideração e afirma que pensar o caráter narrativo é relevante tanto para os *fait divers* quanto para as *hard news*, e que essa proposta visa pensar a cultura profissional jornalística. Isso porque, de acordo com o autor, as *hard news* são notícias que precisam muito mais de explicações do que as notícias enquadradas como *fait divers*. Essa visão se aproxima da nossa proposta de análise, na medida em que considera tanto o entretenimento, considerado *soft news*, quanto as narrativas jornalísticas sobre a política, considerado *hard news*.

No entanto, a própria consideração da existência dessa dicotomia nos é problemática, embora recorrente. Continuando com os exemplos de pesquisadores que discutiram o jornalismo e a narrativa, Bird e Dardenne trabalham com as noções de “registro” e “narrativa”, enquanto Motta (1997, p. 318) apresenta a dicotomia em termos de “*hard news*” e “*soft news*”, em que nesta última “a narrativa se revela com toda a sua liberdade de criação”. Albuquerque (2000a, p. 77), por sua vez, apresenta uma proposta que nos permite enxergar um entrelaçamento entre essas duas noções, quando fala em “*hard news* com tratamento narrativo”, sendo esse tratamento narrativo uma tentativa de dar às notícias um formato mais relacionado a contar histórias.

Entretanto, em todos esses exemplos ainda há o reconhecimento de uma dualidade. Isso, diante do que argumentamos, insiste em uma oposição que tende a não contemplar as particularidades da narrativa jornalística e as suas transformações, principalmente no que diz respeito à cobertura política.

É por isso também que nenhuma das abordagens que apresentamos acima dão conta dessa experiência, porque todos tendem a encarnar essa dualidade, como se o jornalismo político se pretendesse sempre sério e, quando não o fosse, seria sempre intencional. Tomando como exemplo o caso de Pixuleko, podemos pensar que o boneco inflável não é um personagem para o jornalismo político apenas porque é um registro que retrata um ex-presidente em vestes inusitadas, não o é também porque satiriza ou ridiculariza uma figura pública, como poderiam advogar os que se preocupam com a ironia na política (BENNETI, 2007; SEIXAS, 2006; SILVA, 2003). Ele é um personagem porque o jornalismo político também precisa jogar com o lúdico, com o divertido e com o riso, porque a política, como qualquer outra editoria em um jornal, precisa entreter.

Nesse sentido, assumindo essa argumentação como plausível, podemos entender que o jornalismo político cumpre um papel fundamental nesse entretenimento. Enquanto forma de entreter, de chamar a atenção do leitor para uma situação interessante – sendo ou não de seu interesse –, de servir de fuga do cotidiano. E isso não exclui o seu intuito informativo. Como também não se sobrepõe ao seu caráter de entretenimento. Ou seja, não são noções opostas, não são noções hierarquizadas: são noções que coexistem no jornalismo.

Apontamos, então, para dissolução dessas fronteiras, persistindo na contribuição de se considerar o entretenimento como elemento constituinte de todas as narrativas jornalísticas da política. E, ao propormos enxergar o jornalismo político sob o viés do entretenimento, não nos referimos a apenas se aproximar de um estilo de contar histórias diferente, e sim mesclar os elementos da informação com o da narrativa, o que resulta em experiências que devem ser melhor exploradas pelos analistas do jornalismo.

Mais uma vez se voltando para o caso ilustrativo de Pixuleko, pode-se perceber que as notícias em que ele aparece seguem as formas jornalísticas difundidas como legítimas desde o jornalismo moderno, principalmente sob a influência do modelo norte-americano (RIBEIRO, 2007; BARBOSA, 2007). O *lead* está lá. A pirâmide invertida e a narração em terceira pessoa também. A preocupação em se ouvir e apresentar fontes de lados “opostos” aparece no texto, junto com outras informações que fazem com que sua história se enquadre na editoria de política.

Dessa forma, é por isso que defendemos que Pixuleko, por exemplo, faz parte de um quadro maior, em que relaciona a política brasileira, nos jornais, como sendo apresentada em termos de entretenimento. O resultado disso é que *hard e soft news* não fariam mais sentido, pois toda a narrativa sobre política está envolvida com o entretenimento.

O que acontece é que, assim como nas novelas, há um núcleo que recebe mais atenção e é tido como principal, cuja história demanda mais atenção. Mas, ainda dentro da alegoria da novela, há diversos outros núcleos que giram em torno do central, direta ou indiretamente. O núcleo cômico, o que tem um apelo moral ou discute um problema social atual, o de personagens carismáticos que dialogam com parcelas específicas da população etc. Todos fazem parte da mesma novela.

Da mesma forma, Pixuleko, julgamentos de escândalos de corrupção, uma reunião da alta cúpula do governo sobre problemas estruturais também fazem parte da mesma narrativa política que é retratada nos jornais. E não é à toa que a analogia com uma novela, produto indiscutivelmente inserido na lógica do entretenimento, se faz esclarecedora. E, assim, diante dessa perspectiva, em que sentido poderíamos entender o compromisso do jornalismo com o regime democrático?, é a reflexão que mais nos interessa provocar.

Considerações a partir de Pixuleko: o entretenimento e a necessidade de repensar o compromisso do jornalismo com a democracia

Parece-nos particularmente oportuno lembrar Foucault (1999), quando este afirma que a política pode ser percebida como uma das “regiões”, usando a mesma nomenclatura que o autor, mais marcadas pelos procedimentos relacionados ao ordenamento, potencialização, interdição e exclusão dos discursos. Apesar de ser uma concepção externada inicialmente em 1970, ela parece ainda pertinente e se apresenta de forma clara quando propomos uma análise dos meandros discursivos que permeiam a exposição jornalística do fazer político atual.

É nesse sentido também que buscamos explorar esses meandros a partir de um objeto inanimado, um boneco, mas que, apesar de sua condição óbvia de incapaz de proferir discursos próprios, pode ser visto como um símbolo de discursos de outrem. Assim é que afirmamos que Pixuleko não é um boneco, apesar de, materialmente, apenas sê-lo. Não é um boneco porque tornou-se veículo de diferentes dizeres, ou porque, diante de seu estado mudo e inerte, serviu de alto-falante para revoltas e posicionamentos por parte de uma parcela da população. Ao mesmo tempo, Pixuleko também ultrapassou sua condição de boneco ao se mostrar presente nas composições jornalísticas sobre a política nacional. Nesse ponto, o boneco deixou sua essência de lona de lado para se tornar também uma possibilidade estratégica de posicionamento da própria imprensa. E, nesse sentido, aqui o utilizamos como ilustração para as discussões que buscamos empreender.

O boneco em questão apareceu pela primeira vez nos protestos do dia 16 de agosto de 2015. Na matéria, intitulada “Dilma, Lula e Renan são os principais alvos dos protestos em Brasília” (URIBE et al, 2015, online), o boneco figura como elemento coadjuvante, sendo citado apenas em alusão às referências feitas ao ex-presidente

na ocasião do protesto. Enquanto “um boneco inflável, de 12 metros, vestido com roupa de presidiário” (URIBE et al, 2015, online) naquele momento, Pixuleko era apenas um boneco.

No entanto, ainda sem o nome que ficaria conhecido pouco tempo depois, ele apareceu nas notícias da *Folha de S. Paulo* enquanto personagem protagonista dois dias depois, em 18 de agosto de 2015. Já no título da matéria, “Boneco inflável de Lula vira febre e vai circular em protestos pelo país” (URIBE, 2015, online), o papel de destaque está imposto e é reforçado no corpo da notícia. Pixuleko é referenciado como celebridade, ícone dos protestos; tudo isso, cabe destacar, por causa da atenção que recebeu nas redes sociais.

A questão que se apresenta é que o boneco passou a ser visto como enquadrado no valor-notícia a partir do momento em que ganhou notoriedade em postagens nas redes sociais. No *gap* de dois dias que separaram sua aparição no protesto da primeira matéria, as imagens de Pixuleko foram compartilhadas incessantemente em redes sociais, como Facebook e Twitter, o que despertou o interesse do jornal para lhe dedicar atenção. Na matéria, inclusive, há a informação de que a página dedicada ao personagem, no Facebook, já contava com mais de 7 mil seguidores (chegando este número a mais de 12 mil, no início de 2016).

Depois dessa primeira aparição como protagonista de uma notícia, Pixuleko passou a figurar na editoria de política do periódico pelos próximos meses. Ao todo, contabilizamos 13 matérias que fazem referência ao ícone de lona na *FSP*, entre julho de 2015 e janeiro de 2016; sendo 11 na editoria de política, uma na de entretenimento e uma na de esportes. Já o teor das notícias focava, principalmente, na mobilidade e visibilidade do boneco, passando pelo *tour* que ele fazia pelos principais pontos turísticos brasileiros até as aparições nos protestos e em um jogo de futebol da Série D do Campeonato Brasileiro. Em todas as referências, pode-se perceber um apelo irônico e humorístico.

Não é de hoje que o humor, a ironia e o escárnio permeiam as discussões políticas nos jornais. Isso pode ser comprovado na passagem do tempo, através de charges, colunas de opinião e até mesmo de matérias com um posicionamento mais crítico em veículos com uma posição política-ideológica mais explícitas, como no caso das revistas *Veja* e *Carta Capital*, por exemplo. No entanto, o uso da ironia no jornalismo impresso, normalmente, era acompanhado de uma pretensão crítica, ou mesmo de um exercício de poder (BENETTI, 2007). Nessas ocasiões, faz-se supor ao leitor que naquela situação existe um julgamento moral/de inteligência já previamente feito pela revista e que a concordância com esse julgamento é um pré-requisito para não ser julgado também.

No contexto que observamos, o riso, a ironia e o escárnio fizeram de Pixuleko uma “celebridade”, nas redes sociais e nas ruas, de acordo com as palavras da própria *Folha de S. Paulo*. Pudera, suas vestimentas de prisioneiro e a feição de susto, sozinhas, já cumpriam a tarefa de ridicularizar uma das figuras da política atual brasileira mais comentadas. Junte-se a isso as aparições nos lugares mais pertinentes, como os protestos que se colocaram contra o governo do PT, e os mais improváveis, como um jogo de futebol, além das brigas em que o boneco se envolveu. Ao menos duas vezes, esclarece-se, ao longo da narrativa jornalística exposta pela *Folha*, que Pixuleko foi alvo de agressões por parte de defensores do PT, que tentavam impedir a sua circulação.

Esses episódios estão encharcados de significados, principalmente porque em todos eles é possível identificar Pixuleko como o personagem principal, embora os atos praticados por ele e os cometidos contra ele não o pertençam – são ações que significam para além do próprio boneco. O que queremos dizer é que, por exemplo, ao conduzir um texto sobre a aparição de Pixuleko em um jogo da Série D do Campeonato Brasileiro, somos capazes de indicar ao menos dois significados

circundantes: um clima de contrariedade em relação a Lula e ao PT, mesmo em um momento de descontração, e a banalização de uma contrariedade, que poderia ser interpretada como um desinteresse em protestar propriamente, aproximando-se mais de uma vontade de expor uma boa piada e rir coletivamente dela.

Os dois pontos, propositalmente, são contrários. Eles não se complementam, se repelem. O motivo para isso, acreditamos, remete ao caráter contraditório que a própria *Folha de S. Paulo* construiu em torno da cobertura de Pixuleko, primeiro enquanto símbolo de um antipetismo supostamente cada vez mais evidenciado na sociedade, e, ao mesmo tempo, enquanto ícone de um movimento de direita ridicularizado. Isso pode ser percebido quando lemos alguma matéria sobre o boneco e nos deparamos com ações que podem ser taxadas de débeis ou extremamente patrióticas, como destinar R\$ 2,5 mil para patrocinar a ida de Pixuleko a um evento e cercá-lo de guardas (para não ser alvo de vandalismo).

Essa dubiedade, sugerimos, está relacionada com a proximidade que o personagem e suas narrativas mantêm com o entretenimento, através do estímulo ao riso. Nesse sentido, ressalta-se Bakhtin (1987, p. 81), para quem “o riso não é forma exterior, mas uma forma interior essencial a qual não pode ser substituída pelo sério, sob pena de destruir e desnaturalizar o próprio conteúdo da verdade revelada por meio do riso”. É nesse ponto que julgamos existir uma abertura para justificar nosso posicionamento em relação à contraditória exposição de Pixuleko.

Ao dizer que o riso não pode ser trocado pelo sério, sob pena de fazer o riso perder sua carga crítica, remete-nos justamente à dubiedade de sentidos evidenciados na narrativa jornalística da *Folha* tendo como base séria o próprio veículo (vale lembrar que grande parte das matérias foram veiculadas na editoria de Política), juntamente com o contexto político instável, e como base do riso, o personagem principal das matérias e mesmo suas “atitudes”.

Diante dessa ilustração do caso de Pixuleko, e considerando o jornalismo político como permeado pelo entretenimento, como poderíamos pensar o compromisso do mesmo com a democracia? Mesmo que o estigma de “quarto poder” do jornalismo não se sustente mais nos dias atuais (MIGUEL, 2004; GOMES, 2006; MORETZSOHN, 2007), se visto sob o prisma do entretenimento, seria necessário repensar e rearticular o papel do jornalismo?

De acordo com Blumler (1992), na democracia representativa, a mídia ocupa papel central porque conecta representantes e representados, apresentando uma gama de diferentes ideias e informações, que auxiliam os representados tomarem decisões relevantes. Na Europa, por causa de sua estrutura politizada, afirma o autor, a mídia desempenhava um bom trabalho, até que o continente passou a seguir os passos dos Estados Unidos, especialmente centrada no aspecto comercial. Sua hipótese é de que o conteúdo da comunicação política está marcado por um grau de despolitização, na medida em que a política é predominantemente apresentada como um jogo e que não se tem tempo nem espaço para se discutir a política em miúdos.

É possível perceber, a partir desse posicionamento de Blumler, algo que destacamos em diversos pontos ao longo deste artigo: a demonização do entretenimento. Quando colocado em uma relação direta com a política, o entretenimento muitas vezes figura como o lado torpe, idiotizado ou mesmo desprezível. Mas, deixando de lado esses estigmas e tentando enxergar a questão do entretenimento como elemento constituinte importante no jornalismo político, sem valorização negativa, pode-se pensar com mais clareza a respeito das consequências dessa relação para o compromisso jornalístico com a democracia.

Para nós, em um diagnóstico ainda muito prematuro, arriscaríamos dizer que as bases do compromisso são as mesmas que envolvem a mítica do moderno jornalismo, na maneira como foi apropriada do modelo norte-americano e adaptada ao Brasil, ou seja, guiada por um ideal de “poder moderador” (ALBUQUER-

QUE, 2000b, p. 27). O que muda é que as formas buscadas para cumprir o compromisso democrático precisam dialogar, cada vez mais, com a cultura popular. E nisso o caráter narrativo das notícias desempenha um papel fundamental, ao possibilitar uma diversidade enorme de estímulos.

Essas argumentações se tornam pertinentes pois, de acordo com o que discutimos, o entretenimento no jornalismo político é tratado de forma inadequada. Isso acontece porque há uma dificuldade em se enxergar o entretenimento enquanto possibilidade de diversão a partir das narrativas sobre a política no jornalismo impresso, principalmente se tratando de veículos jornalísticos que não se pretendem populares, como o que serviu de ilustração neste trabalho, a *Folha de S. Paulo*. Nesse sentido, tratar o entretenimento no jornalismo político através da noção de narrativa pode abrir portas tanto em relação aos rumos do jornalismo diante de suas próprias transformações, quanto em relação ao papel que o jornalismo atual se presta a desempenhar na democracia.

Como exemplo, poderíamos pensar o papel sobre a lógica da cobertura de escândalos políticos pela imprensa, ao longo dos anos. Ao mesmo tempo em que pode ser compreendida nos termos do cumprimento de um serviço para a manutenção da democracia, essas coberturas resguardam também um grande potencial de entretenimento. Essa questão se torna cada vez mais importante de ser encarada, principalmente quando, em acontecimentos recentes, em que grande parte da imprensa hegemônica do país esteve a favor de um golpe parlamentar (SANTOS, 2017; SOUZA, 2016) sob a bandeira da luta democrática, fica evidente a contradição – ou defasagem – que existe entre o ideal jornalístico e seu exercício prático.

Diante disso, buscamos iniciar essa discussão que parece urgente: há duas vias principais de compreensão das narrativas sobre política no jornalismo, uma alinhada ao compromisso democrático e outra com o entretenimento. As duas, da maneira como vêm sendo abordadas nas análises jornalísticas, apresentam indícios de que não dão conta da complexidade dessas narrativas. Faz-se necessário, então, ampliar esses espectros de compreensão e, se não propor novos caminhos, ao menos indicar complementaridades aos já existentes – a fim de estabelecer novos parâmetros de análise mais condizentes com a multifacetada “realidade”. Pixuleko, diante dessa empreitada, pode parecer um exemplo extremo, mas, talvez exatamente por isso, ele reúna os predicados para fazer despertar outras possibilidades de observação. Para isso, não parece prudente demonizar a maneira como o entretenimento se misturou à informação política, e vice-versa. Afinal, enquanto se olhar para a imprensa com essa mítica em torno de seu exercício, qualquer caminho que for julgado como desmoralizador desta imagem corre o risco de ser impropriamente analisado.

Considerações finais

Neste artigo, partimos de uma ideia diferente da de Marshall (2003, p. 27), quando este afirma que a “cobertura de notícias mais sérias foi trocada por notícias de entretenimento, que têm maior efeito sobre a audiência e custam bem menos à empresa”. Isso porque o autor fala em notícias declaradamente produzidas com a intenção de entreter, em oposição à uma mítica ideia de que há outras notícias que são produzidas apenas com o intuito de informar ou mais sérias. Como vimos, essa dualidade precisa ser repensada e problematizada. Um segundo ponto que marca nosso distanciamento desse pensamento é que, ao pensar dessa forma, o autor se desvencilha de qualquer intenção de analisar mais a fundo o entretenimento, seja por reconhecê-lo como algo negativo ou mesmo por tê-lo como algo de menor importância. Dessa forma, ao propor olhar o entretenimento com mais

atenção e fazê-lo a partir do jornalismo político, intentamos contemplar todas essas discussões marginalizadas.

Assim, argumentamos que o caso de Pixuleko pode ser considerado um episódio em que se fez clara a relação de simbiose que o campo político mantém com o mundo do entretenimento, um apropriando-se de lógicas específicas do universo do outro e, conseqüentemente, ampliando seus espectros de representação e apresentação. Ou seja, as apropriações narrativas do boneco inflável evidenciam uma lógica específica de tratar a política, que é por meio de sua interface com o entretenimento, com especial apelo para o riso. Em nosso entendimento, Pixuleko só se tornou possível de ser um personagem protagonista viável para a editoria de política de um jornal porque a cobertura da política por parte do jornalismo e o próprio fazer político abarcam atributos do universo do entretenimento, como evidenciamos ao longo deste trabalho.

Pensando nisso, retomamos John Street (2003), que pergunta: ganhamos alguma coisa, na nossa compreensão de política moderna e de comunicação política, ao fazer comparação entre política e *show-business*? Assim, o autor nos impõe questões interessantes, com essa proposta de aproximação: tomada como factível, essa analogia altera a forma como nos relacionamos com a política e também como a política é retratada. Por isso, o entretenimento está presente, em maior ou menor grau, em todas as notícias veiculadas. E, tratando-se das notícias de política, esse entrelaçamento é relevante de ser investigado para que se possa (re)pensar quais são os compromissos que o jornalismo mantém com a democracia.

Em outras palavras, ao pesquisador de jornalismo é preciso: 1) reconhecer que o apelo do entretenimento está presente no jornalismo, seja ele sério, *light*, sensacional ou de referência (e aqui depende das separações que o pesquisador acredita existir, embora advoguemos em prol de uma diluição desses engessamentos); e que 2) no imbricamento do entretenimento com a política se encontra as bases para se refletir sobre qual o papel do jornalismo hoje – e isso não significa perdas, e, sim, ganhos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. Paz e Terra, 2007.

ALBUQUERQUE, Afonso. A narrativa jornalística para além dos faits-divers. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 3, n. 2, pp. 69-91, jul./dez. 2000a. Disponível em: <<http://www.facom.ufjf.br/lumina/R5-Afonso-HP.doc>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

ALBUQUERQUE, Afonso. Um outro “Quarto Poder”: imprensa e compromisso político no Brasil. **Revista Contracampo**, n. 04, 2000b. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/414/201>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imprensa e poder no Brasil pós-30. **Em Questão**, v. 12, n. 2, 2007.

BARONI, Raphaël. A tensão narrativa através dos gêneros: questões éticas e estéticas do suspense. In: PICADO, Benjamin; MENDONÇA, Carlos Camargos; CARDOSO FILHO, Jorge. **Experiência estética e performance**. Salvador: Edufba,

2014, pp. 63-82.

BENETTI, Márcia. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. **Líbero**, v. 10, n. 20, 2008.

BENNETT, W. Lance. When politics becomes play. **Political Behavior**, v. 1, n. 4, pp. 331-359, 1979.

BIRD, Elizabeth; DARDENNE, Robert. 1999. Mito, registro e “estórias”: explorando as qualidades narrativas das notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2. ed. Lisboa: Vega. pp. 263-277.

BLUMLER, Jay G. (Org). **Television and the public interest: vulnerable values in Western European broadcasting**. London: SAGE Publications Limited, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

GOMES, Wilson. Internet e participação política em sociedades democráticas. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 27, pp. 58-78, 2006.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MIGUEL, Luis Felipe. Modelos utópicos de comunicação de massa para a democracia. **Comunicação & política**, v. 22, n. 3, 2004, pp. 129-147.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano, do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Teoria da notícia: entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997, pp. 305-320.

RIBEIRO, Ana Paula G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SANTOS, Wanderley G. **A democracia impedida. O Brasil no século XXI**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

SCHUMPETER, Joseph. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Jornalismo e ironia: produção de sentido em jornais impressos no Brasil**. 2006. 271 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras). Recife: UFPE, 2006.

SILVA, Francisco Paulo da. A construção da ironia: uma pitada de veneno? In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (Orgs.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2003, pp. 91-98.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

STREET, John. The celebrity politician: Political style and popular culture. In: CORNER, John; PELS, Dick. **Media and the restyling of politics**: Consumerism, celebrity and cynicism. London: Sage, 2003.

URIBE, Gustavo; VALENTE, Rubens; DIAS, Marina; HAUBERT, Mariana; AMORA, Dimmi. Dilma, Lula e Renan são os principais alvos do protesto em Brasília. **Folha de S. Paulo (Online)**. Brasília, 16 ago. 2015. Poder. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/08/1669428-dilma-lula-e-renan-sao-os-principais-alvos-do-protesto-em-brasilia.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

URIBE, Gustavo. Boneco inflável de Lula vira febre e vai circular em protestos pelo país. **Folha de S. Paulo (Online)**. Brasília, 18 ago. 2015. Poder. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/08/1670528-boneco-inflavel-de-lula-vira-celebridade-para-viagens-pelo-pais.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

VORDERER, Peter. It's all entertainment—sure. But what exactly is entertainment? Communication research, media psychology, and the explanation of entertainment experiences. **Poetics**, v. 29, n. 4, 2001, p. 247-261.

VAN ZOONEN, Liesbet. **Entertaining the citizen**: when politics and popular culture converge. Lanham: Rowman & Littlefield, 2005.